

CONEXIONISMO WESLEYANO E A ECLESIOLOGIA NAZARENA:  
DISCERNIMENTOS E IMPLICAÇÕES PARA O FUTURO

Dr David B. McEwan  
Academic Dean, NTC—Brisbane

No nosso Artigo de Fé na Igreja começamos por dizer, “Nós cremos na Igreja, a comunidade que confessa Jesus Cristo como Senhor, a aliança que fez o povo de Deus novo em Cristo, o Corpo de Cristo cujos membros foram chamados para estarem juntos pelo poder do Espírito Santo e por meio da Palavra.” Aqui e noutros sítios na secção constitucional do Manual usamos vários termos relacionais para falarmos da Igreja como sendo uma aliança da comunidade que existe em formas culturalmente condicionadas. Numas notícias que tivemos um pouco antes da passada Assembleia Geral, o Superintendente Geral Stan A. Toler comentou que “Isto é mais do que uma sessão legislativa para a igreja... Nós somos pessoas *conectadas* [a ênfase é minha]. Nós adoramos juntos e convivemos juntos como uma família de Deus.” Poucos meses mais tarde, o *Relatório da Comissão sobre o Futuro do Nazareno* foi publicado e cerca de dezanove características básicas da Igreja do Nazareno que devem ser preservadas foram identificadas, e Conexionismo foi uma delas. A noção Wesleyana ‘conexionismo’ faz justiça para um melhor entendimento da igreja como sendo uma aliança de relacionamento em que nós participamos na vida de Deus Trino por meio de Jesus Cristo e no dom do Espírito. Esta participação graciosa é defenida em termos de amor à Deus e ao próximo – ambos os grupos de pessoas que já estão dentro da comunidade da igreja e aquelas que ainda não estão dentro. A linguagem do nosso Manual é fiel para a visão original do João Wesley. Ele creu que os Metodistas eram “chamados para expandirem a religião da Bíblia por toda a parte do mundo – isto é, obras da fé pelo amor, temperamentos santificados e vidas santificadas.

De acordo com estas [as Escrituras] está um ponto: não é mais nem é menos do que amor – é amor que ‘é a cumprimento da lei’, ‘o fim do mandamento’. A religião é a manifestação do amor à Deus e ao próximo... Este amor, reinando em todos aspectos da vida, animando todos os nossos temperamentos e paixões, direccionando todos os nossos pensamentos, palavras e acções, esta é que é uma religião pura e não profanada.

Mais explicitamente, ele creu que “esta doutrina [‘inteira santificação’] é o último nível de relacionamento que Deus fez com as pessoas chamadas Metodistas; e por causa da propagação, Ele apareceu para que nós fôssemos ressuscitados. Isto resoa com nosso entendimento sobre a natureza da Igreja do Nazareno:

A igreja do Nazareno é composta por pessoas que voluntariamente se associaram juntos de acordo com as doutrinas e com a política da dita igreja, e pessoas que procuram uma convivência Cristã santa, a conversão dos pecadores, a inteira santificação dos crentes, o seu crescimento na santidade, e a simplicidade e poder espiritual manifestados na Igreja primitiva do Novo Testamento, juntamente com a pregação do evangelho a toda criatura.

Durante o tempo de vida de João Wesley, todas as edições das Minutas das Conferências alistadas ‘O pregador em ligação com o Rev. Mr. João Wesley,’ assim fazendo uma ‘ligação’ um termo técnico e crítico para o Metodismo, enfatizando o ‘eixo’ do relacionamento interactivo que assim formou a sua natureza. Desta maneira, conexionismo é mais do que uma forma de cooperação, mais do que uma simples política; é fundamentalmente sobre relacionamentos pessoais, não importa quão cedo ou tarde esses relacionamentos desenvolveram no sentido de organização pessoal e estrutural. Na introdução sobre *As Sociedades Metodistas, As Minutas da Conferencia*, Henry Rack recorda-nos do papel chave de ‘conferir’ e uma abertura para persuasão que caracterizou as primeiras reuniões entre João Wesley e os seus pregadores. Está indicado que a centralidade de dialogo entre Wesley e os seus pregadores na tentativa de discernir a vontade de Deus e direccionar o povo na maneira biblica de salvação. Por exemplo, o Metodismo na Grã-Bretanha a Conferencia é que tem a “autoridade final” em todos os assuntos de interpretação das suas doutrinas, com ênfase da obra de Deus por meio da comunidade, mutualidade e conexionismo. Enquanto isto fica claro que é parte da nossa herança Nazarena, eu creio que precisamos de ver a nossa ênfase no nosso contexto de hoje de modo a discernirmos e respondermos às necessidades da ‘presente geração’ ao nível local, reginal e global. A pergunta que devemos considerar é se este entendimento tem valor real e potente para a nossa denominação. Irá nos ajudar a defenir a nossa ecclesiologia de acordo com os desafios globais de século 21, algo que vai nos capacitar para fielmente cumprirmos com aquilo que cremos que é a missão que Deus nos confiou?

No context do Metodismo, Russell Richey escreveu que “conexionismo e as estruturas de conferencia, quando encaminhados cuidadosamente, acolhem as prácticas e a compreensão implícita que representam o melhor entendimento da tradição Cristã e das noções da ‘igreja’.

‘Conferenciar’ ecclesiologia é olhar para fora e não para dentro. É congregar-se para se dispersar. Tem um propósito de construir relacionamento. Caminho para as regiões onde pessoas viveram e trabalharam. É aí que eles tiveram as suas

reuniões, usando os espaços públicos que eram disponíveis, incluindo casas de membros fiéis e suas casas de orações. O seu comportamento era missionário, estratégico e evangelístico.

Numa carta enviada para um dos pregadores em 1769, Wesley escreveu, “Não vou tentar guiar aqueles que não vão ser guiados por me.” Isto faz-nos entender que durante o seu tempo o relacionamento era voluntário e não forçado por pressão legal. Esta imagem foi mais tarde reforçada numa outra carta enviada para Francis Asbury em 1788 onde Wesley descreve a si próprio como sendo “sob autoridade de Deus o pai de toda família (Motodista)” Richey salienta que o mais importante nos princípios do Metodismo era a noção de ‘família’ liderada pelo Wesley; grupo de pessoas congregadas juntas por um afeto, regras comuns, missão partilhada, cuidados mútuos. Esta foi a expressão aplicada no sistema de organização e espiritualidade do Wesley. Ele enfatizou mais unidade, missão, reforma, e interdependência mútua. Os mecanismos estruturais eram flexíveis e podiam ser alterados facilmente duma maneira inovadora com o objectivo de cumprir com a missão de reformar a nação e espalhar a santidade bíblica. Com amor e santidade no centro de tudo, este foco significou que assuntos administrativos e estruturais eram menos significativos, apesar de serem vistos como sendo aspectos necessários. O elemento central para a eclesiologia do Wesley era a ênfase posta no vigor da vida apostólica e relacionamentos de amor de carácter inclusivo e altamente interligado em todos os níveis da existência da igreja. A ‘essência’ do connexionismo é visível nos registos da igreja do Novo Testamento onde os apóstolos caminharam extensivamente e conferiram a outros Cristãos os assuntos relacionados a fé, prática e missão. Paralelamente a isto, podemos nos recordar das palavras do João Wesley:

Qual é a finalidade de toda a ordem eclesiástica? Não é trazer as almas do poder do Satanás para Deus? E os equipar no seu temor e amor? Ordem é importante no sentido de que ela responde estas finalidades; se ela consegue responder é portanto valiosa... E, de facto, qualquer conhecimento e amor de Deus que seja, a *verdadeira ordem* não vai esperar. Mas a melhor *ordem apostólica* em que todas estas coisas não são achadas, tudo é vaidade

Wesley creu que se o nosso entendimento sobre a natureza da igreja fosse fiel às Escrituras, então o seu funcionamento e ordenança seria um assunto de sabedoria prudente e discernimento sob a liderança do Espírito. Em todos os casos, o alvo era de servir a igreja e a comunidade com amor, liberdade, e flexibilidade.

A antiga eclesiologia Wesleyana estava engravada profundamente na teologia de comunhão, de carácter pessoal, e total corporação na experiência de salvação. A Igreja é uma comunidade comissionada pelo poder do Espírito e composta de pessoas que responderam positivamente o amor de Deus em Jesus Cristo e estão num relacionamento contínuo com Ele. Um dos mais importantes modelos da Igreja é de ser o Corpo de Cristo (1 Cor. 12:12-27; Eph. 4:12). Isto enfatiza o facto de que cada parte tem a sua distinta função, mas também é parte integral de todo o sistema e precisa do bem estar do corpo no seu todo. Transferindo este conceito para as estruturas da igreja, isto recorda-nos que a igreja é uma comunidade interdependente pelo facto de que tem “um Senhor, uma fé, um baptismo, um Deus e Pai de todos, Ele que está a cima de tudo em tudo e por tudo” (Ephesians 4.5-6 NRSV). A natureza essencial da igreja é determinada pela natureza de Deus revelado para nós em Jesus Cristo. Nós cremos que em Deus Trino – um eterno, de amor, comunhão das Pessoas – e toda a experiência de salvação é firmada no privilégio gracioso para que cada um de nós participe nesta Trindade por meio do Senhor Jesus Cristo. A igreja é uma comunidade congregada como sendo o corpo de Cristo e é essencialmente racional e social trazido junto para um amor mútuo e uma interdependência de entrega pessoal pela causa de Cristo. Neste relacionamento nós somos chamados e capacitado para ‘ser’ seus ‘**tetemunhos**’ (Acts 1:8). Isto envolve ambos o ser e o fazer; envolve ambos transformação e formação na sua semelhança e de ir para o mundo como testemunhos da palavra e dos actos para o Salvador (a missão). Nesta perspectiva, nós somos chamados formados antes de sermos enviados para testemunharmos; portanto, eclesiologia vem antes da missiologia. As raízes dum ministério autêntico são encontradas nesta comunidade capacitada espiritualmente, e não hierarquia organizacional, não programa, não método, nem técnica.

Os Metodistas enfatizaram o amor mútuo e cuidado à medida em que juntos caminham em direcção a santidade e amor perfeito. Enquanto o papel da liderança do próprio Wesley era muito importante à medida em que o movimento cresceu mutuamente, as sociedades, classes e orquestras tornaram-se elementos vitais. Este conexionismo é intimamente ligado com a vitalidade da natureza da missão do seu movimento e é um princípio eclesiástico muito válido. O mesmo é altamente relevante para a expressão funcional da Igreja e a sua natureza interdependente. Conexão corresponde com os mais profundos instintos espirituais daqueles que buscam a sua herança no passado tempo do Wesley e dos Metodistas, fazendo assim ambos congregacionalismo e conexãoismo

incapazes de satisfazer. Nós somos a igreja que deve enfatizar a interdependência entre todos os níveis da organização, a partir dos grupos locais de crentes para o nível global de estruturas ministeriais corporadas. Conexionismo enfatiza o facto de que cada um é responsável do outro com amor, ajudando uns aos outros a superar a carga com amor de tal modo que juntos continuamente vivamos uma vida semelhante à Cristo ao níveis individual e comunitário. Esta ‘vida conjunta’ é sobretudo no sentido de partilhar juntos os nossos valores, propósitos e a nossa dedicação que partem duma visão comum e duma vida santa. Isto determina as implicações de como nos envolvemos no mundo em que vivemos (a nossa missão).

Para um melhor funcionamento do conexionismo, é preciso que haja um investimento significativo no que diz respeito ao tempo e energia no sentido de mantermos e fortificarmos os nossos relacionamentos. Num mundo de ‘comunicação rápida’ é mais fácil investir nas áreas e métodos, mecanismos e sistemas de modo a conquistar o ‘mercado’ dum contexto culturalmente apropriado com menos recursos humanos. O modelo corporativo da nossa missão aplicado na igreja, como uma organização institucional, parece ser um dos mais produtivo e efectivo que nos leva a frente. Entretanto, este modelo parece ser mais útil para o contexto ocidental do que num outro sítio. Isto quer dizer que o ponto focal de energia e habilidades tem sido direccionadas para estruturas organizacionais, acompanhadas por estruturas de responsabilidade. Estes, por sua vez, são criados pela organização central, em vez dos ministerios locais. Richey anotou que tácticas de mudanças organizacionais podem eventualmente funcionar por um curto periodo mas acabam falhando porque os reajustos em si próprios não conseguem ultrapassar as resistências criadas em um dos níveis da organização. Ele escreveu que ‘hermeneutica de suspeita’ que cria esta pressão na organização no sentido de trazer uma transformação genuína e duradoura é necessária. Em parte, isto é visto quando os membros prestam atenção aos serviços para atingir os alvos e prioridades e recusam a ‘financiar-lhes’ pela presença pessoal, suas energias, habilidades e finanças. Chegado nesta fase, a situação torna-se um pouco complicada para mobilizar e trazer os membros dentro do sistema para apoiarem o programa.’ O resultado disto tudo é da liderança ser considerada em termos de ‘poder’ e a responsabilidade em como quem tem a tendência de caminhar para um sentido – a favour da equipe de liderança.

Existe mais um perigo no processo de estruturar a igreja em termos de responsabilidade e eficiência: o perigo de tornar o Corpo de Cristo, que está sempre vivo, em

simples ‘máquina’ em que as suas ‘partes’ são vistas em termos de utilidade e são valorizadas quando funcionam bem e estão em harmonia com as diretrizes da liderança. Richey crê que isto acontece quando desenvolvemos uma política super estruturada: considerar o discipulado como se fosse um sistema de regulamentos; a missão passar a ser assunto de influencia e números, e isto tudo culminando no conceito conhecido como congregacionalismo. Ele observa que a burocracia, o congregacionalismo, disciplina regulatória e a submissão ao sistema cultural tem infectado bastante o nível da sua igreja Metodista; obviamente, nós não somos imunizados contra este tipo de situações na Igreja do Nazareno. O perigo que a nossa igreja enfrenta neste presente momento é multiplicar e centralizar os níveis de liderança e da organização a favour de eficiência, acrescentando assim o regionalismo e a fragmentação à favour de autonomia. Esta situação pode nos levar para uma pressão não muito saudável especialmente para as particularidades culturais que diferem da ‘nossa situação’ para a ‘vossa situação’, e isto pode resultar em suspeita e desconfiança daqueles que ‘não são daqui’. Em nenhuma destas situações a mudança tem sido fácil.

Se o coração do Cristianismo é amor e relacionamentos que envolve ambos Deus e o próximo, então a igreja não será defenida essencialmente pela sua política e maneira de organização. Em cada relacionamento, confiança é um elemento chave para formação e sustentabilidade. Quando existe confiança, os relacionamentos de amor são expressos de maneiras variáveis caracterizadas pela graça que verdadeiramente valoriza liberdade e flexibilidade juntamente com espírito de perdão, quando for necessário. Mesmo no mundo de negócios, fez-se uma observação de que é difícil ou mesmo impossível manter um relacionamento eficaz e produtivo quando não há confiança. Susan M. Heathfield notou que “confiança é o precursor necessário para o seguinte: Sentir-se capaz de depender duma outra pessoa; Cooperar como um grupo; Aceitar momentos de risco; Ter experiência de comunicações acreditáveis.” Sem confiança é impossível adoptar o “sentido total dos conceitos interconecção e interdependência” na formação dum relacionamento genuíno.

Parker J. Palmer, escrevendo num contexto dum educador, nos recorda:

Confiança relacional é criada com base nos movimentos do coração humano tais como compreensão, dedicação, compaixão, paciência, e a capacidade de perdoar. No caso da essência humana necessária para cultivar estas disposições não for considerada como elemento vital para um sucesso educacional – e se o suporte institucional para o funcionamento desta essência faltar – então esta variedade

crucial está em risco. Nós sabemos que o seu testino será de uma cultura que consistentemente é corrosiva de confiança.

Ele acrescenta dizendo: “Quem não sabe que pode lançar o melhor método, o mais recente equipamento, e muito dinheiro para *peessoas que não se confiam uns aos outros*, e daí apurar resultados miseráveis? Quem não sabe que *peessoas que confiam umas às outras e juntas trabalham bem* acabam fazendo um trabalho exceptional, até com muito menos recursos [a ênfase é minha]. Como Palmer nos recorda, para mudar uma instituição não é algo que se pode atingir simplesmente por mudar a estrutura organizacional. A mudança deve começar nos corações das pessoas da tal organização. Isto é, pela sua própria natureza, não se pode atingir por meio de mudanças estruturais; requer uma mudança do coração através da obra do Espírito Santo em ambos os níveis pessoal e comunitário

No nosso contexto, o maior perigo que enfrentamos e ‘falta de confiança’ entre o clero e o leigo, entre a igreja local e outros níveis da organização. Isto acontece quando nos relacionamos como se fossemos ‘pessoas estranhas’ para além de sermos ‘pessoas da mesma família’. David Carter comentou que isto “cria uma traição ao coração que necessita da graça e uma perturbação na eficácia do Evangelho nas mentes das [pessoas]”; isto pode se reverter somente com um espírito “generoso e uma confiança mútua sem limites expressada numa cooperação habitual”. Com confiança é possível formar um conexão genuína capaz de reduzir a nossa confiança nas estruturas, permitindo que haja mais aceitação graciosa de representação nas comissões e nos outros corpos, e permitindo também que haja diversidades de opiniões e pontos de vista, sem quebrar a comunhão. Isto motiva o desejo de experimentar mais e explorar novas formas de como ser igreja, com menos ênfase no legalismo e mais abertura para sugestões; as nossas assembleias seriam caracterizadas por momentos da graça e não encontros de negócios. Em outras palavras, um relacionamento genuíno precisa de ser avaliado e reforçado em todas as nossas conexões com outros e não simplesmente uma eficiência administrativa. Isto, logicamente, leva muito tempo e energia para chegar lá; precisa do nosso investimento na vida e no relacionamento com outras pessoas.

O *Relatório sobre o Futuro do Nazareno* disse que, “O elemento motor da estrutura é a Missão.” Isto traria as perguntas chaves sobre a prática e a efectividade na missão. Mais tarde, um outro Relatório da Comissão sobre o Futuro do Nazareno disse, “a nossa política deveria vir da nossa eclesiologia”. Isto levanta a pergunta: Qual é o verdadeiro motivo da política Nazarena? É uma reflexão teológica ou programatismo em termos de crescimento

numérico da igreja e influencia que temos em muitas áreas do mundo? Como vimos anteriormente, conexionalismo permite que haja uma vasta variedade de formas e estruturas. Os nossos valores que juntos partilhamos, os propósitos, e as nossas dedicações são capazes de serem expressadas em muitas maneiras, mas nós precisamos de estar certos de que os nossos ‘meios’ devem servir ‘as nossas finalidade’ e não o contrário. A nossa organização/estrutura/método deve servir o nosso propósito central pelo qual Deus nos chamou – e isto é sempre assunto de relacionamento. O perigo constante neste assunto para nós é que as tais estruturas têm normalmente sido um grande impedimento para as pessoas crescerem na semelhança de Cristo e vida de testemunho na palavra e nos actos.

O assunto aqui não é a palavra ‘conecção’ como tal, mas o conceito que esta detraz desta palavra. A igreja sendo o ‘Corpo de Cristo’ é um modelo profundamente biblico que enfatiza interconecção e interdependencia e rejeita o noção comum do Ocidente que enfatiza individualism e independência, assim como o coneito ‘tribalismo’ que caracteriza outras culturas. Isto é verdade quando é visto ao nível pessoal assim como aos outros níveis the organização social – igreja local, distrito, campo, região e geral. Nós não somos pessoas simplesmente interdependentes, mas também pequenos grupos de crentes, e a igreja, a partir do nível local ao nível geral é a nossa denominação. Aqui podemos reafirmar que ‘interdependência’ não é o sinónico de ‘independencia’ (congregacionalismo), nem é ‘total dependencia (episcopalismo). Há sempre a necessidade de equilibrar a autonomia das partes do corpo com a sua interconecção. Para chegarmos a esse equilibrio e mantê-lo, precisamos dum guião, sabedoria e discernimento do Espirito Santo em ambas vidas pessoal e comunitária. A Igreja do Nazareno não deve procurar impor formas de uniformidade defenida em termos culturais, nem deve favorecer diversidades segregadas de igrejas que destroem efectivamente os princípios e practicas da conecção. Para ser fiel na missão, a igreja precisa duma diversidade muito rica dentro do Corpo, porém sempre funcionando juntos em harmonia para a saúde do seu todo. Existe espaço para uma expressão autentica da igreja no seu contexto cultural local que lhe capacita para um envolvimento genuino com as pessoas locais e do mundo em geral. Em termos de recursos ministeriais disponives, a igreja deve reconhecer que isto pode não se tornar fácil, como alguém podia imaginar, para encontrar um ‘financiamento’ total a partir da igreja local. Neste caso, os recursos devem vir da igreja do geral, por exemple: na procura dum sistema educacional eficaz, projectos de ministério de compaixão, programas de construção, e ministerios que tem alvo de equipar especialistas

(não somente em termos de finanças). Sempre existe espaço em que a igreja pode equilibrar a autonomia da igreja ‘local’ contra os regulamentos e direccionamentos de todo o corpo à favor da glória de Deus expressa por meio da missão da igreja no seu todo.

Até aqui já vimos que a Igreja do Nazareno partilha o seu entendimento sobre eclesiologia com o Metodismo que enfatiza o relacionamento como sendo o element essencial no conceito da igreja, e este relacionamento é visto como sendo o princípio de ‘conecção’. Esta conexão ao nível local é demonstrada pela sua enfase na comunhão/convívio e a partilha de disciplina exercitada em grupos pequenos. Esta conexão deve sempre virar-se para fora e não para dentro; as pessoas devem-se congregar de modo a dispersar-se; a igreja deve ser estruturada para uma missão e ser capaz de responder com espírito de inovação quando novas necessidades or oportunidades aparecem. Nós rejeitamos a prática de congregacionalismo e firmamente cremos que a igreja local deve ser ligada essencialmente e estruturalmente com a igreja global. É por meio dos recursos da igreja global, tanto ao nível distrital, do campo, or da região que as igrejas locais são capazes de engajarem-se mais efectivamente na sua missão e estenderem-se para outras novas áreas. Estes níveis organizacionais devem capacitar os relacionamentos entre as igrejas locais que enfrentam os mesmos desafios. O perigo é que o nosso desejo de autonomia (individual or de grupo) tem a tendência de desprezar os relacionamentos ao nível global, e os elos são facilmente reversidos, excepto aqueles níveis funcionais de gerência e relatórios.

Na tentativa de alterar as estruturas sem claro entendimento teológico, corremos o risco de fazer arranjos adaptados para um certo contexto cultural que venha ser ‘universalizado’ e perpetuado em outros contextos culturais. Sendo assim, enfrentamos o desafio da promoção de ‘ex-categoria’ de uma parte da igreja, ou sendo guiados exclusivamente pelas necessidades dum determinado grupo em lugar da igreja ao nível global. O Metodismo Britânico nos recorda que para ser verdadeiramente Wesley, precisamos de manter a convicção de

que o Espírito Santo lidera a Igreja para se adaptar as suas estruturas à medida em que enfrenta novas situações e desafios. Esta flexibilidade é em si mesma um princípio importante, enraizado nas Escrituras e na experiencia. Os Metodistas, portanto, não devem sentir a necessidade de defender as estruturas da Igreja Metodista.... O princípio, porém, de interdependência e relacionamento reflectido apropriadamente nas estruturas local, distrital e nacional, de grupos pequenos de comunhão e disciplina, e duma flexibilidade que capacita a Igreja para ser mais efectivamente estruturada para a missão será contribuido pelo Metodismo no seu todo.

A Igreja do Nazareno tem servido de exemplo de relacionamento familiar à volta do mundo. Para uma vida conjunta, nós precisamos de explorar graciosamente os nossos valores, propósitos, e educacionais. Isto vai precisar dum trabalho muito cuidadoso para ter certeza que a postura da nossa denominação quanto aos assuntos sociais e morais de hoje não nos dividem. Isto porque um sector da igreja observa que certos tópicos não são claramente mencionados pela revelação bíblica, or então o nosso debate está sobre as interpretações hermeneuticas extreitamente formadas e formuladas pelas nossas experiencias culturais. Uma preocupação semelhante encontra-se nos vários conceitos do propósito do nosso ministério, o alvo pelo qual funcionamos e como é que organizamo-nos para alcançar os tais salvo. Se os relacionamentos são na base da fé Cristã, como é que vamos envisionar e estruturar a vida religiosa de modo que possamos transmitir a nossa fé juntamente com missão de amar o próximo para as próximas gerações? Como é que vamos ter certeza de que os nossos arranjos organizacionais não vão se tornar outra estrutura de poder na nossa sociedade que tem impacto nos assuntos de justiça dentro da nossa igreja?

Com a introdução de reformas electrónicas de comunicação e meios de transporte relativamente baratos, a ‘conecção’ torna-se muito fácil, mesmo entre pessoas geograficamente muito distantes podem se relacionar e cuidarem-se umas às outras. A tal conexão, seja global or regional torna-se um desafio, pois permite a depravação nas areas sociais e económicas, apesar de que dentro destas comunidades tem havido uma partilha de vida, mesmo dentro da igreja. É desta forma que o valor destas coisas todas tais como Trabalho e Testemunho, troca de experiencia entre estudantes, viagens missionárias, e serviço pessoal são muito importantes para fortalecer e desenvolver relacionamentos em todos os aspectos e lugares geograficos da igreja global. Para manter estes tipos de relacionamentos efectivos serão necessárias estruturas de gerência e administração flexíveis e inclusivas. De facto, ainda há espaço para inovações, criatividade, e para novas aventuras capazes de serem expressas de várias formas e por meio de diferentes estruturas. Deve haver uma abertura por meio do Espírito para as formas de vida e ministério não tradicionais. A nossa organização deve abraçar experimentações e inovações sob a liderança do Espírito e com prudencia, sabedoria e discernimento de toda família Nazarena. Para seguirmos este princípio efectivamente, vamos precisar de ter espirito que nos torna semelhantes a Cristo para podermos animar as formas de organização que nós desenvolvemos. Na procura de formar novas diretrizes da comunidade e cooperação, nós não podemos nos basear na liderança

caracterizada por relacionamento de topo para baixo, nem simplesmente comissões ou grupos de parceiros nomeados ou escolhidos dentro dum único contexto cultural. Aprender ‘escutar’ genuinamente a todos os níveis da igreja e permitir que os de ‘menos influencia’ também tenham voz vai precisar dum trabalho duro e uma auto-disciplina para cada um de nós. Precisamos sempre lembrar claramente o facto de que ‘meios’ devem servir as finalidades/propósitos. Nunca devemos perder a visão que Wesley teve sobre o ‘ministerio colectivo que abraça todas as pessoas e todos os seus relacionamentos, dentro dum fluido, dum ministerio dinámico e motivado pelo processo de salvação daqueles pelo qual Cristo morreu de modo que “todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida de estatura da plenitude de Cristo.... Mas , Segundo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxilio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor. (Eph 4:13-16. BEG)